

PROCESSOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR (IES): O CASO DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL (UCS)

Daiane Thaise de Oliveira Faoro¹, Fábio Dal-Soto², Ana Paula Alf Lima Ferreira³

Resumo: Este artigo objetiva analisar os processos de internacionalização desenvolvidos pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Para esta investigação, optou-se pela utilização do método de estudo de caso único, com base na estrutura teórica de Rudzki (1998), sendo utilizados para a coleta de dados, diversas fontes de pesquisa, entre elas as documentações direta (entrevista semiestruturada com a responsável pela área de internacionalização da Instituição de Ensino Superior - IES estudada, a qual foi realizada *in loco*) e indireta, pesquisa de informações já formalizada pela IES, estudada por meio de documentos internos, materiais de divulgação e no seu próprio site na internet. Observou-se que a UCS vem mantendo abordagem proativa frente ao processo de internacionalização. Inicialmente não existia um setor destinado à assessoria internacional, mas devido à expansão da instituição há um setor específico para essa área. Quanto à mobilidade acadêmica, a UCS encara a mobilidade de alunos estrangeiros como uma fortaleza, reconhecida pela comunidade institucional, mantendo quadro permanente de mobilidade acadêmica.

Palavras-chave: Internacionalização. Ensino Superior. UCS.

INTERNATIONALISATION PROCESS IN HIGHER EDUCATION INSTITUTIONS: THE CASE OF UNIVERSIDADE CAXIAS DO SUL (UCS)

Abstract: This article aimed to analyse the internationalisation processes developed by the University of Caxias do Sul (UCS). This paper was based on the theoretical modelling of internationalisation by Rudzki (1998), and used single-case research design. Data were obtained from various sources, such as a semi-structured interview with the person in charge of the department that manages the internationalisation process, search for information, promotional materials and the university website. The results reveal that the UCS has a positive attitude towards the internationalisation process. Initially, there was not a department for international relations in the university, however, because of the university expansion, now there is a department on campus to look after international affairs. UCS also has a positive attitude towards foreign students.

Keywords: Internationalisation. Higher Education. UCS.

1 Acadêmica do Curso de Administração da Universidade de Cruz Alta (Unicruz). dfaoro22@hotmail.com

2 Professor Mestre do Curso de Administração da Unicruz. fsoto@unicruz.edu.br

3 Professora Mestra do Curso de Administração da Unicruz. alima@unicruz.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O aumento do fluxo de pessoas de diferentes nacionalidades e culturas entre fronteiras, seja por meio de processos migratórios ou turísticos, vem contribuindo para o favorecimento do processo de disseminação do conhecimento. Esse processo foi inicialmente incentivado pela distribuição de mercadorias, recursos financeiros, tecnologia e pelas questões culturais (HIRA, 2003).

Observa-se com esse processo a importância da globalização, uma vez que sua multidimensionalidade reflete interpretação mais ampla do que significa cultura e conhecimento, tanto que a alta tecnologia, a velocidade na transmissão de informações e a amplificação das transações comerciais são aplicadas a um ambiente cada vez mais complexo e interativo, com a participação de vários atores, em vários níveis, como indivíduos, organizações e governos (MIGNOLO, 2000; SPIVAK, 2012; ZADJA, 2005).

Juntamente com a educação, a globalização também se tornou um tema de grande relevância para o mundo atual, sendo necessário entender e analisar tanto seus efeitos intencionais quanto os não intencionais (SANTOS, 2011; ZADJA, 2005). Assim, em decorrência dos reflexos da globalização, as ações de internacionalização surgem como um efeito casual, as quais também provocam impactos em diversos setores dos negócios e da sociedade como um todo (DAL-SOTO et al., 2013).

Bezerra (2013) indica que o processo de internacionalização da educação superior alavancou a partir dos anos 1990 no Brasil, juntamente com o então denominado sistema neoliberal, momento esse em que a educação superior passou a ser incorporada à área de comércio internacional como um produto.

Um dos aportes em prol do processo de internacionalização do ensino superior diz respeito, conforme Maranhão e Lima (2009), à sua própria capacidade de promover e estimular a ação do multiculturalismo, por meio da interação constante de pessoas de diversas origens étnico-culturais, o que resulta em troca de experiências, e no desenvolvimento de bases curriculares mais críticas e reflexivas nas instituições. Isso, segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2006), transformaria as escolas no epicentro das mudanças sociais, em busca de condições de vida mais igualitárias para todos.

A inserção das Instituições de Ensino Superior (IES) no processo de internacionalização inicialmente deu-se pela busca por agregar novos conhecimentos à base curricular das instituições. Sob o ponto de vista histórico, a inexistência de universidades no pós-II Guerra Mundial também impulsionou a busca pelo processo de internacionalização como uma maneira de mobilidade acadêmica, discente e docente, além da busca de conhecimento propriamente dito, de caráter eminentemente econômico, político e cultural (KNIGHT, 2004).

Nesse contexto, a presente pesquisa objetiva analisar os processos de internacionalização desenvolvidos pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), além de melhor contextualizar e entender como é realizado e monitorado o processo de internacionalização na instituição. Salienta-se que a UCS possui mais de 40 anos de história e é caracterizada como uma instituição comunitária. Vale lembrar que, conforme dados da Universidade do Extremo

Sul Catarinense (UNESC, 2014), as instituições comunitárias de educação superior não têm finalidades lucrativas e reinvestem todos os resultados na própria atividade educacional, sendo elas criadas e mantidas pela sociedade civil.

Dessa forma, contribuem para o desenvolvimento do país por meio da oferta de educação de qualidade, ou seja, as instituições comunitárias têm vocação pública, estão voltadas ao desenvolvimento das comunidades e não ao interesse pessoal ou particular, tanto que o segmento das comunitárias no país é constituído por 438 instituições, responsáveis por 28% das matrículas da educação superior (CENSO EDUCAÇÃO SUPERIOR, 2007). Nesse contexto, a UCS possui cerca de 34.000 alunos e conta com 84 cursos e 94 habilitações (UCS, 2014).

Portanto, este estudo orienta-se pela seguinte questão de pesquisa: Como a UCS tem desenvolvido seu processo de internacionalização frente aos desafios da globalização?

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A internacionalização do ensino superior

Inicialmente, para entender o processo de internacionalização das IES, faz-se necessário fazer um recorte histórico das instituições, no que tange à questão da mobilidade acadêmica, a qual teve como agente impulsionador a busca do conhecimento. Denota Knight (2004) que a escassez de universidades foi determinante da peregrinação acadêmica, tendo esse movimento se fortalecido no pós-II Guerra Mundial. A mobilidade de discentes e docentes revestiu-se, para além da busca de conhecimento propriamente dito, de caráter eminentemente econômico, político e cultural, tanto que, nos últimos anos, a globalização econômica tem incrementado o processo de internacionalização das IES.

Wit (2002) aponta que, inicialmente, a mobilidade dos acadêmicos, na universidade, era uma peculiaridade distintiva das instituições. Identificou-se que, durante a Idade Média, o pequeno número de universidades na Europa e sua dispersão no continente obrigaram aqueles que buscavam o conhecimento ou desejavam prosseguir seus estudos a viajar longas distâncias para frequentar as universidades. Esse movimento foi denominado de peregrinação acadêmica, a qual foi realizada por inúmeros estudiosos europeus.

A mobilidade acadêmica no continente europeu perdurou por aproximadamente 500 anos, porém decaiu significativamente a partir do século XVIII. Um dos fatores responsáveis por isso foi o movimento da contrarreforma, que encarava a peregrinação acadêmica como responsável pelo desenvolvimento e disseminação de ideias revolucionárias e contestadoras (KNIGHT, 2004).

A configuração do Estado-nação, necessário à construção de uma identidade nacional, dando origem a um sentimento nacionalista político e cultural, também contribuiu para reduzir a mobilidade dos acadêmicos europeus. Esses dois fatores resultaram na proibição do estudo no exterior e na substituição do latim (língua universal) por línguas vernaculares. Como consequência, a peregrinação acadêmica praticamente desapareceu do continente europeu (WIT, 2002).

Diante desse contexto, o processo de internacionalização no ensino superior é definido como uma ferramenta que valoriza a dimensão internacional, relacionando-a com o papel da educação na sociedade. Em outras palavras, a internacionalização é apontada como o processo pelo qual se integra uma dimensão internacional, intercultural ou global nos propósitos, funções e oferta de educação pós-secundária (KNIGHT, 2004).

De forma similar, Reppold et al. (2010) afirmam que internacionalização corresponde a um processo consideravelmente complexo e multifacetado, que possui importantes implicações econômicas, políticas, sociais e culturais para os países e instituições e os agentes envolvidos.

De modo geral, o processo de internacionalização das IES é determinado por um vasto número de variáveis, podendo elas influenciar direta e indiretamente o processo, seja por meio do estímulo, incentivo e até mesmo pelo aconselhamento aos acadêmicos, para o desenvolvimento de uma carreira internacional, ou, ainda, pelo desenvolvimento de currículos, programas e cursos coerentes com o atual ambiente acadêmico (SANDERSON, 2008).

Com relação à participação dos docentes no processo de internacionalização das IES, ela é mencionada por Duarte et al. (2009), sob a ótica dos docentes, como um agente catalisador do processo, sendo eles o centro da formação de redes de relacionamentos entre pesquisadores e IES. Esse pressuposto parte da noção do processo de internacionalização, visto como uma ferramenta que pode vir a contribuir para a vivência e a manutenção da qualidade em uma vida social em diversos cenários. Tratando-se de educação superior de internacionalização, os acadêmicos envolvidos conseguem valorizar e ampliar ainda mais o seu conhecimento, tornando-se mais qualificados.

Maranhão e Lima (2009) apontam que, apesar de atrelar-se o crescente processo de internacionalização, principalmente à valoração da multiculturalidade e do multilinguismo, a política adotada por governos e IES reforça o modelo de educação preconizado pelos países hegemônicos. Observa-se que a política configura-se, portanto, como ferramenta da indústria cultural, ou seja, em detrimento da promoção da diversidade, prevalece a padronização dos serviços oferecidos, como os programas de curso, o idioma adotado, o desenho do *currículum*, as experiências culturais, entre outros.

Colaborando com a temática, os estudos de Duarte et al. (2009) apontam que um dos grandes desafios do processo de internacionalização das IES reside na institucionalização do processo informal, o que reduziria a dependência da instituição em relação ao docente. Porém, vale ressaltar que essa corrente de institucionalização parece inviável, ao considerar a autonomia e a independência dos docentes na formação e utilização das redes de relacionamentos, o que lhes assegura uma posição de poder em relação à IES. Portanto, a internacionalização das IES reveste-se da relação de dependência da instituição com o docente.

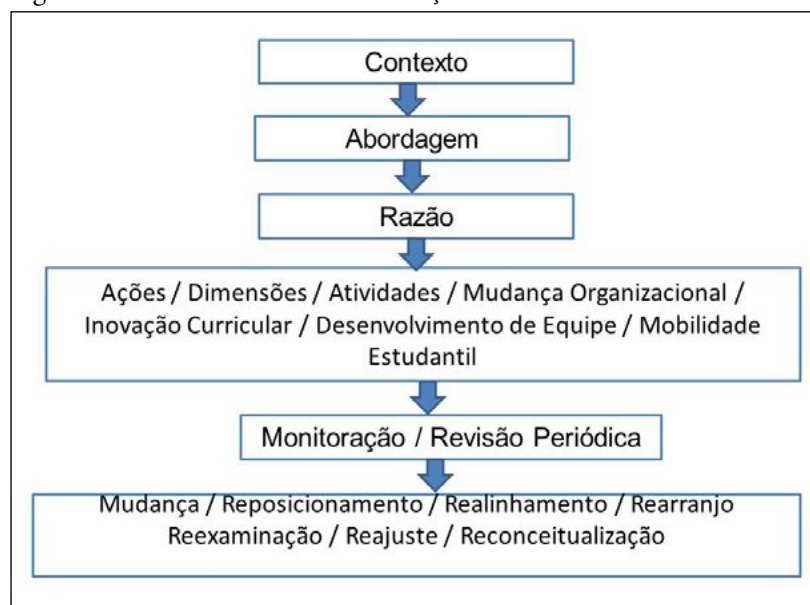
2.2 Modelos de internacionalização de IES - internacionalização do ensino superior

Observa-se que estudos voltados a investigar a internacionalização de IES têm se intensificado de maneira significativa, e eles vêm demonstrando que o entendimento do

processo e respectivos elementos que o compõem são vitais para o sucesso do mesmo. Conseqüentemente, muitas pesquisas resultaram na elaboração de estruturas teóricas ou modelos que sintetizam, cada um à sua maneira, os diferentes processos de internacionalização desenvolvidos pelas IES.

Alguns exemplos são os modelos elaborados por Rudzki (1998), Knight (1994) e Davies (2001). No presente estudo, o modelo de Rudzki (1998) será utilizado como *framework* teórico de análise para os dados a serem coletados, pois o referido modelo fornece visão geral do processo de internacionalização, além de ser um modelo de fácil aplicabilidade (conforme apresentado na Figura 1).

Figura 1: Modelo de Internacionalização.



Fonte: Elaborado com base em Rudzki (1998, p. 220).

O modelo de Rudzki trata em sua essência da análise do reflexo das variáveis ambientais e de que forma elas influenciam o negócio das IES. Ressalva-se que, ao falar de fatores ambientais, incluem-se os ambientes internacional e nacional, sendo essa interação entre os ambientes que propicia o processo de internacionalização das IES.

Outro aspecto pertinente ao processo de internacionalização, diz respeito às características próprias das instituições, como: a história e cultura das IES, as prioridades da IES e a missão institucional, a percepção da IES em relação à internacionalização, considerando suas finalidades e seus benefícios. Também torna-se pertinente identificar os fatores que influenciam o sucesso e aqueles que poderão vir a gerar obstáculos no processo de internacionalização. Esse processo de internacionalização pode ser visto, segundo Rudzki (1998), como uma ação em contínuo movimento entre a proativa, a reativa, a oculta e a ausência deliberada de atividades internacionais, conforme apontado na Tabela 1.

Tabela 1: Forma de abordagem processo de internacionalização

A abordagem proativa.	Caracteriza-se quando a IES explicita de forma clara sua política ou estratégia para a internacionalização.
A abordagem reativa ou passiva	Consiste na resposta aos fatores externos, como disponibilidade de recursos ou necessidade de aumento da renda.
Abordagem oculta.	As atividades de internacionalização são realizadas pelas pessoas vinculadas à IES, porém sem o apoio oficial ou institucional.
A ausência deliberada de Internacionalização.	Como a própria expressão deixa claro, desconsidera de forma anunciada as ações que envolvem a atividade.

Fonte: Elaborada com base em Rudzki (1998).

Em um segundo momento, Rudzki (1998) acredita que os motivos que originam a internacionalização podem estar atrelados às seguintes variáveis: (I) políticas, (II) econômicas, (III) acadêmicas, e (IV) culturais. O estudo de Rudzki (1998) indica como fatores pertinentes à internacionalização os incentivos financeiros (razão econômica) e a existência da dimensão internacional para a pesquisa e o ensino (razão acadêmica), além de considerar a função cultural e o desenvolvimento do indivíduo como benefícios do processo (razão cultural).

O próximo estágio do modelo de Rudzki (1998) é composto pelas ações que constituem o processo de internacionalização de uma IES, agrupadas em quatro dimensões:

Figura 2 – Quarto estágio do processo de internacionalização



Fonte: Adaptado do modelo de Rudzki (1998).

Quanto à mudança organizacional, Rudzki (1998), ao tratar dessa variável, faz menção às alterações necessárias junto a estrutura de gestão da IES, para a concretização das ações ligadas ao processo de internacionalização, com impactos na forma tradicional de trabalho. A segunda dimensão, tratada junto ao modelo, é a inovação curricular, a qual pode ser entendida sob vários pontos de vista: (1) criação de novos programas; (2) o ensino compulsório de uma segunda língua para todos os estudantes; (3) o apoio linguístico para estudantes estrangeiros; e (4) o apoio linguístico para estudantes estrangeiros.

Quanto ao desenvolvimento da equipe (professores e pessoal de apoio administrativo), incluem-se as atividades de treinamento tradicionais até as atividades de contínuo desenvolvimento profissional para atualização de conhecimentos e habilidades. Tanto que, no quarto estágio do processo de internacionalização de Rudzki (1998), traz a questão da mobilidade estudantil, que remete aos atributos ligados às questões físicas, questões econômicas e quanto à mobilidade intelectual.

Com relação à monitoração e revisão periódica, essa variável está disposta ao modelo a fim de aferir a consistência entre as realizações do processo de internacionalização da instituição e os elementos do modelo previamente descritos, o que exige monitoramento constante com vistas a identificar tanto os pontos positivos quanto os pontos negativos do processo. O último estágio do modelo tem por finalidade o realinhamento e o reposicionamento das atividades, para assegurar que as mudanças sejam realizadas de acordo com a etapa anterior de revisão.

3 MÉTODO

Caracteriza-se o presente trabalho pelo viés qualitativo, o qual, segundo Godoy (1995), não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados, mas envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

Com relação aos objetivos propostos, a pesquisa apresentada é descritiva, que é apontada por Gil (1991) como uma técnica que tem como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Ou seja, a pesquisa descritiva tem por finalidade observar, registrar e analisar os fenômenos sem, entretanto, entrar no mérito de seu conteúdo. Na pesquisa descritiva não há interferência do investigador, que apenas procura perceber, com o necessário cuidado, a frequência com que o fenômeno acontece (BEUREN, 2004).

Quanto ao procedimento, considerou-se um caso único, o qual, segundo Yin (2010), é um projeto apropriado sobre várias circunstâncias, pois ele representa um teste de uma teoria bem formulada, podendo confiar, desafiar ou ampliar a mesma. Ou seja, ele pode ser utilizado para determinar se as proposições da teoria são coerentes ou, ainda, se algum conjunto de alternativa de explanações pode ser mais relevante.

Ainda justifica-se a utilização do método de estudo de um caso único por ele representar ser peculiar, o que o torna mais coerente, uma vez que a presente pesquisa

investigou o processo de internacionalização junto a UCS. Para obter as informações, foi entrevistada a responsável pelo setor de cooperação internacional da instituição, cujo nome, por questões de ética, não será utilizado, sendo feita sempre menção ao cargo que ela ocupa. Vale ressaltar que essa escolha deu-se por a UCS ser uma das pioneiras do processo de internacionalização das IES, junto ao COMUNG e também em virtude de a instituição ser uma das maiores universidades do consórcio ligadas ao órgão, o que justifica a escolha do método do estudo. Outro ponto que justifica a escolha do referido método é devido a ele indicar um caso representativo e típico ligado à teoria que se busca investigar (YIN,2010).

Para realizar a coleta de dados, foram utilizadas diversas fontes de pesquisa, entre elas a documentação direta (entrevista semiestruturada com a responsável pela área de internacionalização da IES analisada, realizada *in loco*) e indireta (pesquisa de informações já formalizada pela IES – missão, visão, entre outros –, estudada por meio de documentos internos – PPCs dos cursos –, materiais de divulgação e no seu próprio *site* na internet).

Com relação ao instrumento de coleta da presente pesquisa, o mesmo foi estruturado com base no modelo de internacionalização desenvolvido por Rudzki (1998), o qual também orientou a análise dos dados, tendo essa seguida os seis passos do modelo: (1) contexto, abordagem e razão; (2) mudança organizacional; (3) inovação curricular; (4) desenvolvimento da equipe; (5) mobilidade estudantil; e (6) monitoramento e reposicionamento. A partir desses fatores, foi realizada a análise de conteúdo, que, segundo Bardin (2001), é feita a partir do material coletado, por meio de questões abertas, e se destaca pela riqueza de informações, uma vez que não se leva em conta a ordem das palavras, mas sim seu potencial no discurso em questão.

4 RESULTADOS – O CASO DA UCS

Neste item são abordados os resultados da pesquisa realizada junto a UCS, a fim de investigar seu processo de internacionalização. A estrutura de apontamento dos resultados segue os itens abordados pelo modelo de Rudzki (1998).

4.1 Contexto, abordagem e razões

A fim de contextualizar a temática – internacionalização –, e facilitar o entendimento dos apontamentos do caso, é necessário remeter-se ao marco mundial do processo de internacionalização, que ocorreu em Paris, em 1998. Nele, a UNESCO estabeleceu alguns critérios para a educação superior no mundo, cujo objetivo obrigatório para as universidades era promover a cooperação internacional, por meio de parcerias desenvolvidas por acordos de cooperação.

A fim de se enquadrar nesse novo cenário, na década de 1990 ocorreu a implementação de programa de internacionalização junto a UCS, o que acarretou no desenvolvimento de novas competências aos alunos da universidade que tiveram acesso a essa prática. Vale ressaltar que nem todas as universidades brasileiras aderiram simultaneamente ao processo de internacionalização. Muitas demoraram para entrar nesse contexto, e muitas delas, ao iniciar o processo, utilizaram o modelo desenvolvido pela UCS, que é considerada como referência no processo de internacionalização das IES no Brasil.

Observa-se, também, na UCS que os aspectos relacionados às práticas de internacionalização são visíveis, estando presentes inclusive na visão institucional da universidade, que contempla os contextos internacional e nacional relacionados à educação. Ainda, nos projetos pedagógicos dos cursos, a internacionalização é contemplada pelo seguinte trecho encontrado nos mesmos: “[...] Para que ocorra o processo de aprendizado é necessária a convivência com a interação de culturas, e essa depende de políticas claras que caminhem junto aos interesses da instituição” (PPC/UCS, 2014).

Com relação à abordagem de internacionalização, a UCS caracteriza-se, com base no modelo de Rudzki (1998), como sendo proativa em transição da abordagem com ênfase nas atividades para esse processo. Dá-se a ela essa classificação pela postura adotada pela IES, especialmente pela seguinte razão: (i) acadêmica – a qual é uma prioridade para a universidade, uma vez que ela permite uma posição de diferenciação para a instituição frente às demais, uma vez que essa prática tem enfoque para a qualidade institucional e pela busca de melhor formação para os alunos.

Ainda, conforme relato da representante do setor de cooperação internacional, a UCS realiza práticas que permitem que os alunos que não podem realizar intercâmbio, possam ter experiências internacionais com os estudantes que vêm de outros países para estudar na UCS. Essas atividades colaboram para a troca de experiências culturais, proporcionando melhor visão de mundo, e, principalmente, de idioma, o que acarreta um diferencial para os mesmo quando buscam inserção no mercado de trabalho.

4.2 Mudança organizacional

Quanto à estrutura organizacional, observa-se que na UCS, devido à ampliação das ações internacionais das IES, ao longo dos anos gerou alterações na estrutura de gestão e, por consequência, nos espaços físicos e no número de pessoal diretamente envolvido com essas atividades. Inicialmente não existia na UCS um setor destinado à assessoria internacional, mas devido a sua expansão surgiu a necessidade de criação de um setor específico para essa área. A criação do setor favoreceu a mensuração e a visualização do que está sendo apropriada pela instituição, em termos de benefícios, de se ter tal prática no processo.

[...] é claro que a Instituição tem que se posicionar, ou você quer fazer internacionalização e arcar com o ônus e com o bônus, tem que ter investimento, infraestrutura, equipe, pensar em políticas claras (Representante do setor de Cooperação Internacional da UCS, 2014).

Assim, fez-se necessária a qualificação dos quadros docente e discente, a fim de facilitar o relacionamento entre as partes e oportunizar a criação de novos convênios com empresas locais. As grades curriculares de alguns cursos, passaram por processos de inovação curricular, como, por exemplo, a oferta de disciplinas que permitem o conhecimento em uma segunda língua, e, em alguns casos, disciplinas ministradas totalmente em inglês.

4.3 Inovação curricular

Quanto à inovação curricular, el ocorreu na UCS de forma pontual em alguns casos, como retrata o relato da entrevistada:

[...] a disciplina de Interação Cultural [...] é uma disciplina linda que tem um diferencial primeiro ela é ministrada em inglês [...] é uma grande conquista política, que está na grade curricular do 8º semestre, se não fizer não se forma, se ele chegar naquela disciplina e o inglês dele não for bom ele não aprova e se ele não aprova ele não se forma (Representante do setor de Cooperação Internacional da UCS, 2014).

A UCS ainda elaborou a oferta de uma disciplina como projeto piloto, a qual qualquer acadêmico, independente do curso, pode frequentar e que tem como foco tratar da língua inglesa. Essa disciplina utiliza técnicas transversais, sendo ministrado totalmente em inglês, o que facilita a troca de experiências e de peculiaridades culturais.

[...] cultural, qualquer curso é necessário pro Administrador, sentar em numa mesa com europeus, com africanos e asiáticos, tá mais ele não é exportador, não interessa você é um negociador é um estrategista, um diplomata [...] sua região estará recebendo delegação que vem começar a fazer negócio, ela não é especialista da exportação e nem tem que ser, ela é administradora e é um novo perfil que esta sendo e exigido dos profissionais (Representante do setor de Cooperação Internacional da UCS, 2014).

Outro aspecto ligado à Inovação Curricular diz respeito à questão da interação e da comunicação, que é tida como fator indispensável à instituição, que tem que manter mapeados os alunos estrangeiros que estão visitando sua instituição e manter seus professores informados deste, a fim de facilitar a ambientação deles e, por conseguinte, melhor aproveitar as trocas de experiências.

4.4 O desenvolvimento da equipe – do local ao global

A área internacional da UCS é responsável pela preparação dos acadêmicos que realizarão intercâmbio. Toda vez que um grupo de estudantes se prepara para iniciar o processo de internacionalização, inicia-se o processo de preparação pré-intercâmbio, o que compreende reuniões para deixar bem claros critérios legais e jurídicos do processo. Também é esclarecido o porquê de a instituição estar investindo neles, a fim de que esses alunos saibam o que a IES espera deles na volta, pois cada estudante leva o nome da universidade e passa a integrar o *slogan* da UCS: “Pés na região e olhos no mundo”.

[...] e a gente tem batido muito que não é pés na região e olhos no mundo é ‘pés na região e pés no mundo’ [...] o que nós mais queremos é girar essa máquina e colocar esses alunos fora do Brasil (Representante do setor de Cooperação Internacional da UCS, 2014).

Quanta à qualificação da equipe, ela se dá mais por meio de treinamento interno do que pelo externo. É exigido de forma inicial que, para fazer parte do setor de Cooperação Internacional, é obrigado a dominar ao menos uma língua estrangeira. Salienta-se também que os docentes da instituição desempenham a função de motivadores para os discentes, para despertar seu interesse para ter experiências fora do país.

4.5 Mobilidade estudantil

Segundo a estrutura de Rudzki (1998), a mobilidade estudantil se divide em intelectual e física. A intelectual está intrinsecamente ligada com a dimensão internacional nas práticas de ensino, pesquisa e extensão. Observado esse quesito, a UCS utiliza métodos como tecnologias de comunicação, *web* conferências, realizados com professores estrangeiros, para que possa haver fortalecimento na aprendizagem. Conta também com uma biblioteca com banco de dados, que é referência na UCS, em que o acesso à base de dados permite, tanto ao aluno quanto ao professor, não se deslocar fisicamente para ter acesso a ela. Quanto à mobilidade intelectual, a IES aproveita os relatos de alunos intercambistas para expor as experiências adquiridas.

Com relação à mobilidade física, existe um quadro permanente de mobilidade acadêmica, assim, o aluno sabe quais programas estão rodando no momento. Esse quadro esclarece a duração, a quantidade de vagas, para qual área, a forma e logo após, expõe uma sequência de programas com fluxo contínuo. Quando existe uma nova forma de ingresso da universidade, a assessoria passa a adaptar o quadro e, com isso, o aluno pode escolher o programa.

4.6 Monitoramento e reposicionamento

Os últimos fatores do modelo de Rudzki (1998) são o monitoramento e o reposicionamento, que são utilizados a fim de identificar possíveis falhas e reparação do processo de internacionalização desenvolvido pela IES. A partir dessa prática, a UCS realiza o processo de avaliação e monitoramento das ações de cooperação internacional, com acompanhamentos de atividades.

A Assessoria também realiza reuniões quinzenais com toda a equipe para obter *feedback* de suas atividades e saber o que precisa ser melhorado. Por meio disso faz o reposicionamento conforme a necessidade correta, pois por essa prática tende a desenvolver as competências exigidas pelos mercados internacional e nacional a fim de melhorar a qualificação dos discentes da instituição.

[...] não é revisão periódica pela gestão grande da UCS, mais é feita pela área internacional, ou seja, o nosso monitoramento a nossa avaliação nós temos reuniões cada 15 dias toda a área internacional (Representante do setor de Cooperação Internacional da UCS, 2014).

Observa-se a importância da UCS junto ao processo de internacionalização de outras IES, ao passo que ela presta serviço a outras IES no acolhimento dos alunos que estão realizando intercâmbio, como, por exemplo, o acolhimento dos discentes da Universidade de São Paulo (USP), a fim de orientá-los para melhor aproveitamento dessa experiência.

[...] nós vinha sim monitorando e fazendo algumas avaliações interessantes aprendendo muito com outras Universidades nessas andanças todas você consegue absorver muita coisa e aplicar muita coisa e tudo isso aqui claro saiu da minha cabeça, mais não é de graça, porque você vai absorvendo os bons modelos e as boas praticas corrigindo outras e sempre socializando muito (Representante do setor de Cooperação Internacional da UCS, 2014).

Com relação à realização da presente pesquisa, não apresentou-se nenhuma dificuldade que comprometesse sua realização. Sua única restrição diz respeito a trabalhos futuros, tomando-se a presente pesquisa como referência, pois ela pode e deve ser utilizada como base para demais trabalhos. Sua replicação não garante os mesmos resultados, pois eles refletem a realidade da UCS, na data de sua aplicação. Além disso, se hoje a pesquisa fosse aplicada na mesma instituição, a entrevistada que era responsável pelo setor já não desenvolve esse trabalho na IES, ou seja, a opinião retratada da temática teria o viés de uma nova pessoa que está iniciando na mesma função e não possui o conhecimento desde suas tratativas iniciais, podendo, assim, gerar resultados diferentes para a pesquisa.

Por fim, é evidente que o desenvolvimento do processo de ensino superior de internacionalização, frente aos impactos da globalização é um caminho sem volta. Logo, a importância do avanço das pesquisas na área mostra-se indispensável no meio acadêmico local. A integração entre os povos, entre as culturas e entre as instituições de ensino representa a coluna vertebral do desenvolvimento da nação e da humanidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, constata-se que a temática relacionada à questão da internacionalização do ensino superior tem ganhado força em todos os setores, e não poderia ser diferente dentro do mundo contemporâneo acadêmico e globalizado. Logo, com relação ao processo de internacionalização e o caso da UCS, com base no contexto e na abordagem, que é apontado pelo modelo de Rudzki(1998), a instituição mantém práticas de internacionalização coerentes com uma universidade comunitária, mantendo abordagem proativa e integradora frente ao processo de internacionalização.

Com relação ao fator razão, tem-se que a UCS mantém dois enfoques: (i) acadêmico – o qual é prioridade para a universidade; e (ii) cultural – a instituição busca preparar seus acadêmicos para o mercado de trabalho, o que contribui de forma significativa para que ela se destaque frente a demais instituições que também buscam inserir-se no cenário internacional e tenha facilidade de manutenção e aberturas de novos convênios. Outros fatores positivos que ela mantém são sua localização privilegiada, perto dos grandes centros, e sua participação no COMUNG (uma das maiores).

No que se refere à mobilidade acadêmica internacional, a UCS se preocupa em manter um fluxo contínuo de alunos fora do país e preocupa-se em disponibilizar vagas para alunos estrangeiros. Ademais, a instituição realiza o planejamento, a avaliação e o monitoramento das ações de cooperação internacional, com acompanhamento sistemático das atividades.

Como um ponto fraco da UCS, com relação ao modelo investigado, constatam-se dificuldades nos processos internos de comunicação entre os setores da universidade, além da falta de domínio de língua estrangeira universal (inglês) por parte dos docentes e da falta de estrutura local para acolher os estrangeiros em intercâmbio.

Quanto aos desafios da UCS, o maior deles é estar atenta ao mercado e formar mão de obra qualificada e diferenciada para as organizações, sem perder o foco na mobilidade

acadêmica, buscando além do que está posto, definir a mobilidade da pós-graduação e aumentar a mobilidade de docentes.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo, 2001.

BEUREN, I.M. Trajetória da construção de um trabalho mono gráfico em contabilidade. In: BEUREN, I. M. (Org.). **Como Elaborar Trabalhos Monográficos em Contabilidade: teoria e prática**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2004.

BEZERRA, Agnes Francisca Duarte. Internacionalização da Educação Superior no Mercosul: Novas Tendências nas Universidades Públicas de Brasil e Argentina. **XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas** : 2013.

DAL-SOTO, F.; STALLIVIERI, L.; FELIX, R.; RODRIGUES, SANTOS, R, DOS, A; & CRESPI, T;. Processos de Internacionalização de Instituições de Ensino Superior (IES) do Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas (COMUNG). **XXXVII, Encontro da ANPAD**, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2013.

DAVIES, John, L. A Revolution in Teaching and Learning in higher Education: The Challenges and Implications for the Relatively Traditional University. **Higher Education in Europe**, vol. XXXVI, n°4, 2001.

DUARTE, R.G., Castro, J. M. de, Pereira, A. C. C., & Cruz, A. L. A. (2009). **O papel dos relacionamentos interpessoais no processo de internacionalização das Instituições de Ensino Superior (IES)**. Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Administração, São Paulo, SP, Brasil, 33.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo v. 35, n. 2, p. 57 - 63; n.3, p. 20 - 29; n.4, p. 65 - 71 mar/ago.1995.

HALL, Martin. The Importance of Internationalization for Higher Education. **International Education Association of South Africa (IEASA)**, Cidade do Cabo, set.2004.

HIRA, A. **The brave new word of international education**. World Economy, v.26, p.911931,2003.

KNIGHT, J. Internationalization remodeled: definition, approaches and rationales. **Journal of Studies in International Education**, v. 8, n.1, 2004.

MARANHÃO, C. M. S. de A.; LIMA, M. C. Políticas curriculares da internacionalização do ensino superior: multiculturalismo ou semiformação? **Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**, São Paulo, Brasil, 33,2009.

MIGNOLO, W. Local histories/global designs. **Coloniality, subaltern knowledges, and border thinking**. Princeton: University Press, 2000.

REPPOLD, A.R., FILHO, TORRES; CARDOSO, L., & VAZ, M. A. (2010). **A Escola Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a internacionalização da educação superior**. Movimento, v. 16, pp. 217-238.

RUDZKI, R.E.J. The strategic management of internationalization: towards a model of theory and practice. United Kingdom, 1998. **Tese** – School of Education, University of Newcastle upon Tyne.

SANTOS, T. **Globalization, emerging powers, and the future of capitalism**. Latin American Perspectives, v. 38, n. 2, p. 45-57, 2011.

SPIVAK, G. C. **An aesthetic education in the era of globalization**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2012.

SANDERSON, G. (2008). A foundation for the internationalization of the academic Self in higher education. **Journal of Studies in International Education**, v. 12, n.3, pp. 276-307.

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC. **Universidade Comunitária**. Disponível em: <<http://www.unesc.net/portal/capa/index/91/5788/>>. Acesso em: 24/06/2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA - UNESCO. **Institut de Statisque**. Recueil des données mondiales sur l' éducation-statistiques comparées sur l' éducation dans le monde, 2006;2007.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL - UCS. **UCS 47 anos: foco na excelência acadêmica**. Disponível em: <<http://www.ucs.br/site/ucs/noticias/1391797782>>. Acesso em: 21/06/2014.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. -4.ed.- Porto Alegre: Bookman, 2010.

WIT, Hans. **Internationalization of higher education in the United States of America and Europe: a historical, comparative, and conceptual analysis**. Westport: Greenwood Press, 2002.

ZADJA, J. International handbook on globalisation, education and policy research. In: WHITE, W. (Ed.). International handbook on globalisation, education and policy research: global pedagogies and policies. Dordrecht, Netherlands: Springer, 2005 KNIGHT, J. Internationalization: elements and checkpoints. **CBIE Reserach**, n.7,1994.